

cio contiguo, unificado por la conquista religiosa y supremacía espiritual romana.” (pp. 491-492) Coloca-se, pois, a hipótese de existir uma tensão textual entre as descrições geográficas das *Relazioni universali* sobre o Sul do continente americano como “un orden contiguo y unificado por la conquista religiosa” e as referências sistemáticas à guerra indígena, que contradizem a unidade geográfica construída a partir da expansão do catolicismo. Baseado numa leitura cruzada dos diversos capítulos das *Relazioni universali* alusivos ao Chile, ao Estreito de Magalhães e aos seus habitantes, o A. investiga de que modo Botero desenvolve e aprofunda uma tensão entre geografia e conflito indígena, distinguindo-se das literaturas hispana e crioula dos séculos XVI, em particular, de Ercilla, “que se refieren a los tópicos del descubrimiento, guerra, conquista y exuberancia geográfica” (p. 492).

Na sequência dos estudos apresentados, apresenta-se uma extensa e muito útil Bibliografia (pp. 515-576), que contempla as edições das obras de Giovanni Botero, outras fontes e estudos alusivos à temática. Enriquece, também, esta publicação a inclusão de um índice onomástico (“Índice dei nomi”, pp. 577-587).

Em conclusão, saudamos, vivamente, a publicação deste livro notável que congrega valiosíssimos contributos tanto para a validação da perpetuidade da obra e do pensamento de Giovanni Botero, quanto para um conhecimento rigoroso e profundo das “dinamiche della produzione dei saperi sul mondo” na Roma de Quinhentos.

Paula Morão & Cristina Pimentel (coords.), *A literatura clássica ou os clássicos na literatura. Presenças clássicas nas literaturas de Língua Portuguesa* — Volume V. Lisboa/Famalicão, Centro de Estudos Clássicos/Edições Húmus, 2021, 452 pp; [ISBN: 978-972-9376-64-1].

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA⁷ (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA),
Universidade de Aveiro — Portugal*)

Este quinto volume da série cuja coordenação científica se mantém a cargo de Paula Morão e Cristina Pimentel “dá corpo aos estudos que, com periodicidade bianual, foram apresentados nos Congressos que o Centro de Estudos

⁷ <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28051>; emilia.oliveira@ua.pt.

Clássicos vem promovendo nesta linha de investigação — a que se ocupa das relações entre os clássicos e a literatura de expressão portuguesa de todas as épocas”, como explicitam as coordenadoras no breve “Prefácio” (pp. 9-10). Dando cumprimento à intenção assumida de “prosseguir nesta série regular de encontros científicos e da publicação das atas respetivas” (p. 9), nele se coligem as comunicações apresentadas no congresso homónimo decorrido na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre os dias 2 e 4 de dezembro de 2019. O livro de atas reúne, assim, um conjunto de estudos académicos notáveis, reveladores de que a reflexão crítica em torno da receção da Antiguidade Greco-Latina nas literaturas de língua portuguesa “vem atraindo investigadores jovens, juntando-se àqueles com créditos firmados”, reforçando a convicção de Paula Morão e Cristina Pimentel de que se trata de “um projecto com amplas perspectivas de futuro.” (“Prefácio”, p. 9) A edição da publicação ficou a cargo de Rui Carlos Fonseca, Ricardo Nobre e Maria Luísa Resende.

Os 30 ensaios que compõem a coletânea, cuja sequência se subordinou à ordem cronológica dos autores de expressão portuguesa revisitados, versam as relações de intertextualidade com mitos, temas e motivos da Antiguidade Clássica, como, aliás, anuncia o título da publicação. Assim, “compondo a tela da atenção a textos portugueses antigos” (p. 9), encontramos, a abrir, o notável contributo de T.F. Earle, “Uma personagem trágica da História Medieval Portuguesa: O Infante D. Pedro” (pp. 13-26), em que o A. reflete sobre a figuração de D. Pedro (ou “a maneira pela qual a personagem existe dentro e fora da literatura”), “visível na reação de leitores e de escritores quinhentistas e seiscentistas à personagem do infante D. Pedro”, protagonista da primeira parte da extensa *Crónica de D. Afonso V*, composta por Rui de Pina em finais do século XV e concluída no ano de 1504 (p. 13).

Nos dois ensaios que se seguem, aborda-se a influência da matriz clássica em escritores portugueses do século XVI. Em “*Amor Fugido de Mosco* nas versões de António Ferreira e Pêro de Andrade Caminha” (pp. 27-38), Maria Luísa Resende analisa a receção do tema do idílio de Mosco, que “conheceu uma considerável fortuna na literatura do Renascimento” (p. 28), nos poemas *Amor Fugido* de António Ferreira (Elegia 7) e de Pêro de Andrade Caminha (Elegia 5). Por sua vez, Ana Margarida Oliveira (“Jorge Fernandes, leitor dos Clássicos”, pp. 39-56) estuda a assimilação dos “motivos clássicos recuperados

pela cultura renascentista” e alicerçados na “autoridade fundamental de Vergílio e Horácio” (p. 43), como os da Idade de Ouro e do retiro do sábio (ou do *otium* e da vida solitária), no poema n.º 135 do *Cancioneiro Juromenha*, atribuível a Jorge Fernandes, poeta e tradutor quinhentista.

Joana Veiga perquire “A receção dos clássicos no *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel de Portugal* de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco” (pp. 57-68), que viveu no final do século XVI e início do século XVII. A A. demonstra que “a mitologia greco-latina numa obra cuja heroína é uma figura cristã que emana santidade tem o intuito de a adornar e enriquecer a sua linguagem” e que a esta “função exornativa” se acrescenta a “propagandística ou legitimadora”, dando “expressão a uma santidade ainda não oficialmente proclamada, mas pela qual muito se pugnava no reino lusitano” (p. 66). Os dois estudos seguintes incidem no mesmo arco temporal. O investigador Matthew Gorey (““O Virgílio Português” — alcunhas clássicas e os cânones literários dos séculos XVI e XVII”, pp. 69-84) foca-se nas origens do fenómeno da utilização de alcunhas clássicas “na literatura portuguesa durante a União Monárquica entre 1580 e 1640, especialmente nas fontes impressas que terão divulgado essas alcunhas junto de leitores fora da Península Ibérica.” (p. 71). Já o texto de Luís Miguel F. Henriques (“*A ars scribendae historiae* de Diogo do Couto: descrição de batalhas e arenga militar”, pp. 85-106) “tem como objetivo principal assumir-se como mais um contributo na rememoração do nome” do cronista do Oriente Diogo do Couto, “procurando, para o efeito, evidenciar a forma como a retórica influenciou a composição da sua obra historiográfica” *Décadas da Ásia*, sobretudo no atinente à integração de dois *topoi* retórico-literários “consagrados pela historiografia antiga: a descrição dramática de batalhas e a arenga militar.” (p. 86)

Incidem os três ensaios seguintes em autores e obras do século XVII. Em “Proteu Agrilhado: Tresleituras dos Clássicos na literatura de Seiscentos” (pp. 107-116), André Simões debruça-se sobre “leituras pouco certas dos Clássicos na literatura do século XVII” que se ficam a dever, na opinião do estudioso, nuns casos, ao “lastro de uma tradição interpretativa”, noutros, ao “desconhecimento” (p. 107). No estudo “A herança da biografia clássica nos *Paralelos de Príncipes, e Varões Illustres* (1623) de Francisco Soares Toscano” (pp. 117-136), Paula Almeida Mendes esmiúça as influências da

biografia clássica na obra que o eborense Francisco Soares Toscano dedicou a D. Teodósio II, duque de Bragança e pai do futuro rei D. João IV. Por sua vez, Rui Carlos Fonseca, no ensaio ““da alta Tróia os muros estremecem” — A *Iliada* de Homero no canto VI da *Ulisseia* de Gabriel Pereira de Castro” (pp. 137-156) analisa “do ponto de vista da presença homérica” o poema épico seiscentista *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, “averiguando o modo como alguns dos episódios mais célebres da *Iliada* são imitados e transformados nesta versão do herói grego, testemunha directa da guerra, partícipe nos eventos que ele próprio relata” (p. 138).

A abordagem à literatura do século XVIII chega-nos pelas mãos de Ricardo Nobre, com o ensaio “Arcádia Ulissiponense, 1756: Recepção do discurso metapoético clássico” (pp. 157-172). Nesta investigação, “da diversidade de géneros em que se expressam as ideias literárias”, coloca-se em evidência a produção poética de António Pedro Correia Garção, António Dinis da Cruz e Domingos dos Reis Quita, textos “para os quais expandiram e prolongaram o conhecimento explícito do fazer poético”, reiteradamente “transmitido e alicerçado em metáforas ou alegorias cuja expressão radica num imaginário tipificado e teorizado desde a Antiguidade”. (p. 160) A investigadora Sonia Aparecida dos Santos, em “Reminiscências de Plauto nos entremezes *O soldado valentão* e *Torturas de um coração*” (pp. 173-192), discute a recuperação da personagem do soldado fanfarrão e da sua “suposta fama de valentão” em dois entremezes modernos: *O soldado valentão*, “produção anónima portuguesa de 1773”, e *Torturas de um coração*, “datada de 1951, primeira obra do dramaturgo paraibano Ariano Suassuna (1927-2014)” (p. 174).

Seguem-se dois ensaios que recuperam a figura e a obra de Almeida Garrett. No primeiro, “Garrett, leitor dos Clássicos, amador de Camões: breve reflexão sobre o poema heroico — *Afonsaída ou Fundação do Império Lusitano*” (pp. 193-206), Gil Clemente Teixeira analisa a presença das matrizes clássicas e do hipotexto camoniano no poema épico escrito por Garrett sob o pseudónimo Josino Duriense. Já Maria Cristina Pais Simon reflete sobre “O legado greco-latino e a estética romântica na obra de Almeida Garrett” (pp. 207-232), “à luz de alguns prefácios, artigos jornalísticos e textos literários” do escritor oitocentista.

Obras e figuras de relevo no panorama da literatura de expressão portuguesa do século XX constituem o escopo dos estudos que se seguem. Em “Vénus e Adónis: a génese da heteronímia pessoana” (pp. 233-250), Nuno Amado reflete, a partir de textos de Fernando Pessoa, sobre a recuperação e o tratamento do mito de Vénus e Adónis que, segundo o A., “subjaz à conceção dos heterónimos” (p. 244). Enrico Martines, por sua vez, aborda “A (rara) assimilação dos mitos clássicos no classicismo modernista da poesia de José Régio” (pp. 251-268). Com o ensaio “António Marinheiro, um Édipo reinventado” (pp. 269-280), Ricardo Duarte examina a atualização do mito de Édipo na peça de Bernardo Santareno *António Marinheiro, o Édipo de Alfama* como potenciadora do seu enquadramento “numa das linhas programáticas que há-de acompanhar a generalidade da sua produção dramática: a insubordinação contra a autoridade, as instituições, as leis e as regras aceites pela maioria” (p. 270). Em “Buscando a Humanidade em Calígula: um percurso agustiniano” (pp. 281-304), Maria José Ferreira Lopes analisa as múltiplas alusões à figura do imperador romano Gaio Júlio César Augusto Germânico, que ficou conhecido pela alcunha de Calígula, nas obras “caligulianas” de Agustina Bessa-Luís. O estudioso Fernando J. B. Martinho (“*Homenagem à Grécia*”, pp. 305-316) debruça-se sobre o poema “Homenagem à Grécia”, cujo título grafou, intencionalmente, em itálico, de modo a salientar “a ironia desmitificadora que percorre” toda a composição (p. 314). Em “O encontro de Odisseu com Nausícaa, em Homero, e a reiteração do voto da *homophrosýne*, em Guimarães Rosa” (pp. 317-330), Clarissa Catarina Barletta Marchelli, numa reflexão sobre a receção “profícua e sempre generosa” “dos temas e heróis clássicos pela literatura moderna e contemporânea” (p. 329), estabelece uma comparação entre o episódio épico dos “votos da *homophrosýne* de Odisseu” e a cena dos votos de Riobaldo “pela realização dos desejos da neta de seo Ornelas” no romance brasileiro *Grande Sertão: Veredas* (p. 327). O estudo de Robin Driver (“Ecos do coro trágico no teatro político de Natália Correia”, pp. 331-342) examina “a possibilidade de identificar matrizes da tragédia grega” em três peças de teatro escritas por Natália Correia na década de 60 e “reprimidas pela censura do Estado Novo”: *O Homúnculo* (1965), *A Pécora* (1967) e *O Encoberto* (1969). Como lembra o A., estas obras, que foram instrumento de crítica política mordaz ao regime, têm em comum um ele-

mento cénico: um coro. Assim, o presente ensaio, “ao estudar a função desse eco das convenções da tragédia grega”, procurará “avaliar em que medida o coro nataliano pode ser visto a dialogar com esta tradição” e, por meio destas referências, “contribuir para a construção da mensagem política nessas três peças” (p. 331). Com o estudo “Ecos da Antiguidade Clássica na poesia amorosa de Carlos Drummond de Andrade”, pp. 343-362, Mafalda Frade propõe-se observar várias “facetas da poesia amorosa de Carlos Drummond de Andrade”, recorrendo “à análise de poemas de *Amor Natural* e de “outras obras onde a intertextualidade clássica é manifesta” e através das quais percebe que o escritor possuía um conhecimento profundo “da literatura amorosa e erótica que o antecedeu”, bem como “das línguas e culturas clássicas.” (p. 344) Ana Paula Pinto (“Ecos da ausência: nostalgia no feminino” pp. 363-386) procura “rastrear na colecção poética de Myriam Fraga ecos das narrativas homéricas, particularizados no enquadramento mítico da Guerra de Tróia, e da trágica dispersão dos homens, coagidos a abandonar por imposições externas no torrão pátrio os vínculos afectivos da família” (p. 383). A A. propõe, ainda, nesta moldura temática, “uma aproximação à riqueza simbólica do mitema feminino”, em especial, da figura de Penélope, “centrada na especificidade do modelo antigo e na sua reconfiguração expressiva no enunciado da poetisa baiana.” (384) Em “Motivos clássicos na obra de Albano Martins” (pp. 387-404), José Ribeiro Ferreira, com a clareza e a sensibilidade a que nos habituou, perlustra referências várias a temas e mitos da cultura clássica na produção do poeta e tradutor natural do Fundão. José Cândido de Oliveira Martins (“Reescrita da tradição clássica em clave humorística e paródica na poesia portuguesa actual”, pp. 405-422), partindo do argumento de que “os clássicos continuam a afirmar-se, ontem como hoje, enquanto imorredouros autores “clássicos”, como fonte perene de inspiração, mesmo quando objeto de humoradas reinvenções” (p. 418), percorre a obra de poetas contemporâneos como Jorge de Sena, Alberto Pimenta, Nuno Júdice, Vasco Graça Moura, Armando Silva Carvalho e José Miguel Silva, para demonstrar que, “no âmbito do constante dinamismo de uma *memória* intertextual”, o uso do humor e da paródia na revisitação de mitos, de figuras, de *topoi* e *exempla* da cultura clássica “ocupa um lugar singular” (p. 410). Em “A poesia dionisíaca de Lygia Fagundes Telles” (pp. 423-446), Kelio Junior Santana Borges, a partir

do pressuposto de que, na obra da escritora brasileira, é “concedido um certo destaque à imagem de Dioniso” — mito através do qual a romancista “resgata a possibilidade de se representar artística-mente a essência trágica da vida” —, propõe-se “investigar os valores e os elementos” da denominada “poética dionisiaca” (p. 424). O ensaio de Grego-rio Rodríguez Herrera (“La Tradición Clásica en Nuno Júdice: los poetas latinos”, pp. 447-470) centra-se na presença dos poetas latinos — como Catulo, Propércio, Horácio, Virgílio, Ovídio, Pérsio e Manílio — na poesia de Nuno Júdice, e, sobretudo, no modo como a tradição clássica, enquanto tradição literária, “se pone al servicio de sus inquietudes e interrogantes.” (p. 447)

Os últimos quatro ensaios que compõem a coletânea incidem em autores e obras que alcançaram visibilidade na atual centúria. Dois abordam a obra de Gonçalo M. Tavares. No primeiro, “Os desvios dos filósofos Pré-Socráticos na Hipercontemporaneidade” (pp. 471-488), Ana Isabel Correia Martins debruça-se “sobre a presença dos filósofos dos séculos VII-V a.C. — Heraclito de Éfeso, Tales de Mileto, Empédocles, Diógenes o Cínico ou Diógenes de Sinope, Zenão de Eleia, Anaxágoras e Arquitas de Tarento — “na colectânea de contos *Histórias Falsas*, analisando de que forma eles se inscrevem numa tradição ao mesmo tempo que a desafiam” (p. 471). Já o ensaio de Cristina Abranches Guerreiro, versando o mesmo autor e a mesma obra, investiga as “Fontes clássicas em *Histórias Falsas* de Gonçalo M. Tavares” (pp. 489-498). A. A. confronta as narrativas em que “célebres pensadores da Antiguidade clássica” figuram “como personagens ou como referências filosóficas a propósito da acção narrada” com “as fontes clássicas acerca de cada um dos filósofos nelas referidos (nos textos que deles nos chegaram ou nas referências de outros autores)”, pondo, desse modo, em evidência “a (re)criação que o título *Histórias Falsas* sugere.” (p. 497) Por sua vez, Sara Marina Barbosa, com o estudo ““Uma forma de dizer o mundo”: A vida dos clássicos na escrita de Ivone Mendes da Silva” (pp. 499-512), numa breve visita à obra da escritora “enquanto exemplo da permanência dos clássicos”, propõe-se explorar duas linhas temáticas: “a apropriação desse imaginário e a sua ligação ao viver quotidiano” (p. 500). Por último, em “A Latência do Trágico. Asilo e Refúgio de Ésquilo a Jelinek” (pp. 513-528), Isabel Capeloa Gil proporciona-nos uma impressionante e atual “reflexão arqueológica sobre o retorno do trágico e a sua materialização”

naquilo que denomina “a tragédia do Mediterrâneo”, isto é, “a nova vaga de migração/refúgio que afeta a Europa do século XXI”, a partir do confronto entre *As Suplicantes* (465-460 a. C.), a mais antiga tragédia de Ésquilo e “texto fundacional sobre a experiência de fuga e refúgio” (p. 520) e *Die Schutzbefohlenen* (2014), uma adaptação da peça esquiliniana “em parte inspirada no recente episódio da prisão e expulsão de migrantes de uma igreja (Votivkirche) no centro de Viena”, entre 2012 e 2014, da autoria da Prémio Nobel austríaca Elfriede Jelinek (p. 523).

No final de cada capítulo, encontramos criteriosamente elencadas as muito úteis referências bibliográficas (fontes e estudos). Assinalamos, contudo, a ausência de um índice remissivo de autores e obras citadas, que poderia tornar mais fácil a consulta do volume, enriquecendo-o ainda mais.

Ao conjunto dos estudos académicos que integram o volume, juntam-se, à imagem do que sucedera já no congresso, os testemunhos de quatro escritores/poetas portugueses, assumidos legatários do universo dos clássicos: Ana Paula Tavares (“E são as vozes, sobretudo as vozes dos grandes contadores de histórias”, pp. 531-532), Fernando Pinto do Amaral (“A Ferida de Télefo”, pp. 533-536), Pedro Braga Falcão (“De Cassandra em Cassandra”, pp. 537-542) e Ricardo Marques (“A Antiguidade Clássica”, pp. 543-548).

Em conclusão, congratulamo-nos com a publicação desta valiosa e muito interessante coletânea, na convicção de que não apenas instigará a curiosidade dos investigadores pela revisitação de mitos, figuras e temas clássicos, como constituirá referência obrigatória para outros estudos em torno da receção da Antiguidade Clássica em literaturas de língua portuguesa.

M. C. Encinas Reguero e J. Bilbao Ruiz (eds.). (2021). *ΘΕΑΤΡΟΝ ΚΑΙ ΖΩΗ. Estudios de Teatro Griego en Honor de la Profesora MilaGros Quijada Sagredo*. Madrid: Ediciones Clásicas, S.A. ISBN 987-84-7882-867-8. 395 pp.

MARIA FERNANDA BRASETE⁸ (CLLC, Universidade de Aveiro —
CEHC, Universidade de Coimbra—Portugal)

Este volume pretende celebrar o notável percurso académico da insigne Professora Milagros Quijada Sagredo que, como docente, investigadora

⁸ <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28054>; mbrasete@ua.pt.